

Domingo XV do Tempo Comum – C

14 de Julho de 2019

A liturgia da Palavra deste domingo continua a situar-nos, no que se refere ao evangelho, no caminho de Jesus para Jerusalém. Nestes dias de Verão, quer os passemos junto ao mar, quer em plena montanha ou na cidade, sempre se pode encontrar ocasiões para contemplar a beleza da criação e, nela, captar este Deus que Se torna presente entre nós para mostrar o verdadeiro caminho que conduz a Ele. Ao longo deste caminho, Deus oferece a oportunidade de nos determos diante de um irmão necessitado de misericórdia e compaixão, seguindo o exemplo do bom samaritano.

PALAVRAS QUE TEMOS MUITO PERTO DE NÓS

Somos muito afortunados, nós que nos abeiramos semanalmente da Eucaristia, de poder participar nela escutando as palavras que cada domingo Deus nos quer comunicar. São palavras que nos interpelam e ajudam a compreender o sentido da nossa existência presente e futura. Se perguntássemos a Jesus, como fez aquele doutor da Lei, que temos que fazer para ter a vida eterna, encontraríamos a resposta na Sagrada Escritura. «Que está escrito na Lei? Como lê tu?», pergunta Jesus. Não necessitamos, portanto, buscar muito longe para descobrir o caminho que nos leva a ela. Conviria que meditássemos diariamente a Palavra divina para poder entrar no dinamismo da escuta atenta. «O Senhor ouve os pobres», reza um dos versículos do salmo de hoje. Enquanto prestamos atenção à Sagrada Escritura o nosso coração predispõe-se a escutar melhor os irmãos que encontramos no caminho da vida. A Palavra de Deus, sem dúvida, é tão próxima que corremos o risco de a tornar longínqua e estranha se reduzimos a escuta a um uso meramente mecânico dos nossos órgãos auditivos e não deixamos que desça até ao fundo do nosso coração. Poderia acontecer-nos algo parecido ao sacerdote e ao levita da parábola, quando só ouvimos o que o outro nos diz, mas não chegamos a parar, já que nem sequer o escutámos na sua necessidade.

QUEM ESCUTA SÓ A PRÓPRIA VOZ

A parábola do bom samaritano ensina-nos a transformar a nossa mentalidade à lógica de Jesus Cristo, pelo qual tudo foi criado, e no qual reside a plenitude de tudo o que existe (cf. segunda leitura). Esta lógica é a caridade que mana do próprio Jesus. Sabendo que Deus é amor devemos abrir-nos à escuta do outro. Prestar culto a Deus supõe também abrir-se ao irmão, deixar de reger a nossa vida pelos nossos próprios critérios e deixar de escutar-nos a nós mesmos como único critério de actuação. O verdadeiro culto a Deus significa servi-lo nos irmãos, sem distinções de nenhum tipo, com um amor sincero e generoso, sem querer obter em troca nenhuma recompensa nem agradecimento. Isto pede-nos uma nova atitude na Igreja: que nela mesma, como família, nenhum membro sofra pelo facto de se encontrar necessitado. O nosso itinerário cristão, que aprendemos de Jesus, consiste em viver com um coração que saiba descobrir onde há um irmão necessitado de amor e actuar em consequência. Aprendamos também a escutar, com respeito e atenção, o que os

outros nos querem transmitir. Só assim aquele que vemos como um estranho se converterá num irmão.

UM PREFÁCIO RECOMENDÁVEL

É certo que corremos sempre o risco, na liturgia da Eucaristia, de colocar o ponto culminante no evangelho, como se fosse o centro da celebração e tudo girasse à sua volta. Há que ter especial vigilância em evitar este perigo para não cair nas chamadas «missas temáticas», que podem afastar-nos da centralidade do mistério pascal que celebramos. Contudo, a parábola do evangelho de hoje faz que seja recomendável usar o Prefácio Comum VIII que inclui a referência a Jesus, nosso Redentor, o qual «como bom samaritano vem ao encontro de todos os homens atribulados no corpo ou no espírito...». Todo o prefácio contém a grande acção de graças da liturgia eucarística e de toda a celebração. Damos sempre graças ao Pai por ter-nos dado o seu Filho. No prefácio recomendado hoje, a acção de graças faz anamnese de tudo o que Jesus fez por nós e o exemplo que nos deixou «fazendo o bem e socorrendo todos os que eram prisioneiros do mal». Mas, acima de tudo, agradecemos ao Pai a Páscoa de Cristo, a sua passagem pelo caminho da nossa vida morrendo e ressuscitando por nossa salvação. Jesus nunca passa ao largo. Deteve-Se e humilhou-Se para nos recolher na beira do caminho quando caímos por culpa do próprio pecado ou do pecado dos outros, como consequência do poder do mal que continua a operar no mundo. Jesus Cristo, pelo seu mistério pascal, ilumina a vida escurecida pela dor e pelo sofrimento e devolve-a à formosura e ao seu sentido original mediante os sacramentos, que se convertem em consolo e esperança, e nos permitem retomar o caminho da vida cristã.

Joan Obach Baurier
Pároco de Sant Oleguer e
delegado diocesano de Pastoral Sacramental da arquidiocese de Barcelona
Tradução: Marques Pereira